

Editorial

Filosofia, Educação, Humanidades e Linguagens

É com satisfação que apresentamos o Vol. 2, Número 2, da Anãnsi: Revista de Filosofia dedicado ao tema Filosofia e Educação: Humanidades e Linguagens. Parte-se da ideia de que a humanidade, nos moldes da pregação iluminista, tem como chave para distinguir o homem dos demais seres vivos, a ferramenta da racionalidade. Esta faculdade, determina e autodetermina o que é o homem entre os demais seres, a partir de um manancial de valorações e justificativas que atravessa as relações sociais e tempos/espacos, instituindo os modos de enxergar a si e ao outro, expressando essas compreensões por meio da linguagem, que lhes dá sentido.

Considerado à luz da Psicanálise ou da Antropologia Cultural, o homem, a partir do século XX, esteve sujeito ao peso das estruturas, foi classificado em função de suas condições de classe, tem seus desígnios governados pelos desejos inconscientes, passa a depender da história, da cultura e da língua, ou seja, sujeita-se a paradigmas que floresciam com pretensões de designar o que era e o lugar do homem no mundo. Do estruturalismo de Lévi-Strauss ao existencialismo de Jean-Paul Sarte, o pensamento científico-filosófico tentou encapsular o homem, como objeto das ciências Humanas e Sociais, mesmo que este homem/sujeito/consciente, segundo Freud, tenha desaparecido durante o século XX. A pandemia de 2020 confirmou que o ser humano vaga, errante, em um mundo de interrogações e dúvidas sobre o mundo e sobre si.

O homem das ciências sociais esbanjou certezas, mas os acontecimentos da modernidade, não atestaram a justificação das premissas da razão. O fracasso da noção de progresso o obrigou a deixar as certezas de lado. Em vez delas, se impôs o aleatório, a necessidade da aposta no acaso como experiência válida, numa interrogação sempre permanente sobre o futuro. O sujeito é assim arremessado para dentro de si mesmo, convivendo com constantes perguntas, confrontando-se com todos os medos, como o da morte. Perguntar sobre a natureza, sobre os limites da decadência, sobre o futuro e sobre a impossibilidade da afirmação de uma identidade duradoura que lhe garanta ser/estar no mundo em condições de transformar o estado de coisas no qual mergulhou, são perturbações que delineiam o ser-indivíduo nos tempos presentes. E, assim, num tempo em que o medo se instala, a razão se exila.

Num tempo assim, vale lembrar a imagem do homem, elaborada por Freud, como portador de uma sensação de mal-estar, resultante, obviamente, das frustrações de ser contemporâneo de uma mentalidade regressiva e pouco ilustrada, no sentido emancipatório. Para Freud o homem contemporâneo assiste à tendência de que, quanto mais aumenta a civilização – em termos de progresso – mais cresce a propensão à barbárie, que é uma regressão no tecido civilizatório e se manifesta aqui e acolá como um sintoma de que nem tudo está tão bem resolvido numa dada sociedade tecnologicamente avançada.

Neste dossiê composto por 10 artigos, os autores e autoras, vinculados/as à Universidade Federal do Acre, discutem questões circunscritas ao papel formativo da filosofia e o seu potencial emancipatório, enquanto instrumentaliza as humanidades e as linguagens para cumprirem seu papel teórico-prático de formar autonomia e liberdade.

Adriana Martins de Oliveira, Cauê Lucas Azevedo da Silva e Rafael Cauê Leite Fabrício no artigo intitulado *Pedagogia da farda: uma análise do projeto de militarização das escolas públicas à luz da teoria crítica* problematizam o processo de militarização das escolas públicas brasileiras, que consiste na transferência da gestão destas escolas para as corporações da polícia militar.

Alessandro Cândido da Silva no artigo *As interfaces entre Filosofia e Educação a partir de Adorno* discute o declínio do ideal de formação para o esclarecimento pregada pelos iluministas, que deixando de cumprir seu papel emancipatório, levou o homem para um caminho de competição e barbárie.

Ana Gláucia da Silva Pereira e Solange Albuquerque de Souza nos apresentam o artigo *Características da era da cultura-mundo segundo Gilles Lipovetsky e Jean Serroy* no qual põem em questão aspectos da obra de Gilles Lipovetsky e Jean Serroy, destacando que os autores abordam a situação da cultura no mundo moderno a partir do fluxo dos produtos, das imagens e das informações veiculadas em abundância pelos vários meios de comunicação de massa, indicando que vivemos num mundo onde os padrões sociais são reconfigurados a todo momento, o que suscita o efeito de fluidez e relativismo.

Cleidson de Jesus Rocha e Maria Aldecy Rodrigues de Lima, no artigo *Educação em Adorno: Auschwitz como lição e exigência de um novo imperativo moral* apresentam a questão da Educação e Emancipação em Theodor Adorno, discutindo, no bojo, sua *teoria da semicultura*, que se caracteriza pelo colapso da formação cultural que se faz observar por toda parte, se potencializando pela proliferação dos produtos da indústria cultural. Os autores, tomando Auschwitz como lição, defendem a exigência de um novo

imperativo moral capaz de bloquear tentativas de repetição de experiências como as do holocausto.

Raimundo Ibernson Chaves da Silva, Adriane Orenha-Ottaiano e Maria Emilia Pereira Chanut, no artigo intitulado *Colocações culturais em corpora escrito e oral formadas por relatos de seringueiros acreanos*, com base nos preceitos teóricos da Fraseologia e da Linguística de Corpus, apresentam a extração e análise das colocações culturais presentes no Corpus Escrito das obras *Vila Japiim* e *Corpus Oral do Acre*, compostas por relatos de seringueiros acreanos.

João Carlos de Carvalho, Maria Dolores de Oliveira Soares Pinto e Deolinda Maria Soares de Carvalho apresentam o artigo *A disciplina educacional flexível de Edgar Morin: propostas de leituras de um poema de Manoel de Barros*, no qual, amparando-se no paradigma da complexidade, encontram, na dialógica moriniana, uma possibilidade de confluência entre sociologia, psicologia, pensamento filosófico e estudos literários, mostrado, por meio de três olhares sobre o poema “Línguas”, de Manoel de Barros, uma abordagem de análise para um ensino fora dos restritos saberes curriculares, buscando entrelaçá-los, valorizando o todo e as partes de um sistema de ensino em que professores e alunos são constituintes ativos, com suas experiências e saberes para além do que está na estrutura escolar.

Naiara de Souza Fernandes, Anselmo de Jesus Damasceno e Lenilda Rego Albuquerque de Faria no artigo *A Concepção de emancipação humana na perspectiva marxiana* analisam a concepção de emancipação humana na perspectiva marxiana, compreendendo a centralidade do trabalho e da educação como categorias centrais no processo de desenvolvimento da formação humana, bem como para a sua emancipação.

Síglia Lima Mendes Ferraz apresenta o artigo *Por uma formação emancipatória no ensino, na linguagem e na cultura das comunidades indígenas*, no qual discute o conceito de emancipação social, a partir dos pensamentos de Boaventura Santos (2007) e de desobediência epistemológica, de Walter Mignolo (2007) para refletir sobre possibilidades de uma formação emancipatória no ensino, na linguagem e na cultura das comunidades indígenas.

José Valderí Farias de Souza, no artigo *Crianças indígenas nos espaços da aldeia: desafios da pesquisa*, situa a Criança e a Infância Indígena a partir das perspectivas dos estudos sociais e antropológicos, os quais procuram, a partir de metodologias próprias, enxergar a criança como agente social, produtora de culturas infantis e pertencente a um grupo geracional próprio. Os resultados mostraram que a educação da criança indígena acontece na diversidade dos espaços cotidianos vivenciados na aldeia, nas

inter-relações com os mais velhos e seus pares, na circularidade autônoma dos territórios.

Por último Vilma Dias da Costa, Maria Irinilda da Silva Bezerra e Ademárcia Lopes de Oliveira Costa apresentam o artigo *Questões filosóficas: a ética na formação do educador*, onde discorrem sobre a ética na formação do professor, entendendo esta como parte de um processo que contribui para o desempenho exitoso do trabalho docente junto aos alunos.

Desejamos uma profícua leitura.

Acre, dezembro de 2021

Cleidson de Jesus Rocha, Universidade Federal do Acre
Org. do Dossiê Filosofia e Educação: Humanidade e Linguagens